



## 7. Apontamentos sobre a Internet e o Fluxo do Campo de Ensino e Pesquisa de História Medieval no Brasil

---

Bruno Gonçalves Alvaro<sup>1</sup>

Este artigo visa analisar o impacto da utilização da Internet nos estudos medievais no Brasil. Eu demonstrarei como a Web tem ajudado os pesquisadores dedicados ao estudo da Idade Média graças a facilitação de acesso documental, o contato mais rápido com outros pesquisadores e instituições da Europa, o acesso às revistas internacionais, etc. Em tempo, eu também mostrarei as dificuldades e problemas que nós medievalistas “tupiniquins” enfrentamos frente à massificação da informação sobre esse período histórico.

Palavras-chave: Internet, Idade Média, Pesquisa e ensino.

Cet article vise à analyser l'impact de l'utilisation d'Internet en études médiévales au Brésil. Je démontre comment le Web a permis aux chercheurs ont étudié le Moyen Age à travers la facilitation de l'accès aux documents, contacter rapidement avec d'autres chercheurs et institutions en Europe, l'accès à des revues internationales, etc. Dans le temps, je montre aussi les difficultés et les problèmes que nous médiévistes “tupiniquins” face avant de la massification de l'information à propos de cette période historique.

Mots-clés: Internet, Moyen Age, Recherche et enseignement.

### Considerações iniciais

O ensaio que se segue é fruto da minha participação no curso de extensão “História e Novas Mídias: desafios metodológicos no ensino e na pesquisa” promovido pelo Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET-UFS),<sup>2</sup> entre os dias 29 de março a 14 de abril de 2011, na Universidade Federal de Sergipe. O texto aqui apresentado não se difere muito do que foi lido por ocasião do evento, porém, gostaria de registrar minha gratidão aos discentes e professores presentes, principalmente, pelo debate desenvolvido, pelas críticas e sugestões apresentadas num diálogo extremamente proveitoso. Assumo aqui as responsabilidades por eventuais erros ou exageros, no entanto, divido com todos os que ali estavam a esperança no acerto.<sup>3</sup>



Segundo Maurice Agulhon, em relação à história há duas opções: “Ou procuramos a expatriação, o passado no que ele tem de específico, ou, procuramos na história uma outra maneira de nos interessarmos pelo actual, por exemplo, refletindo sobre as origens imediatas de problemas que nos apaixonam”.<sup>4</sup> Para o tema aqui exposto me colocarei na segunda opção, apesar de, diferentemente do prestigiado historiador, acreditar que abracei na minha carreira acadêmica, ainda em construção, as duas opções. E longe de tecer reflexões aprofundadas sobre este fenômeno que atualmente é parte integrante do cotidiano de quase todas as sociedades, eu gostaria de destacar que estou distante de tentar ou ser referência sobre o estudo da utilização da Internet no campo da História, seja como ferramenta ou mesmo como documento de análise propriamente dito.<sup>5</sup> Meu interesse por este assunto surgiu sobremaneira a partir de debates travados com colegas de ofício a quem, aliás, dedico este ensaio.

O principal problema aqui posto parece, não só para mim como para os leitores, o de amarrar esta temática tão contemporânea à minha área de atuação como docente e pesquisador: a Idade Média. Ora, acredito que já é lugar comum a conhecida frase de Croce: “toda história é história contemporânea”<sup>6</sup> e é ancorado nela que justifico aqui a pertinência para nós, historiadores dedicados ao estudo do medievo, uma participação maior nas discussões que já há algum tempo tem sido travadas sobre a Internet no campo da História Contemporânea e o que tem se denominado História do Tempo Presente.<sup>7</sup> Reconheço que faltará aqui uma base teórico-bibliográfica mais profunda sobre o estudo da Rede Mundial de Computadores, porém, pretendo compensar isso me fixando em dois pontos que defendo ser fundamentais para uma melhor compreensão da relação entre Idade Média e Internet que neste trabalho pretendo estabelecer.

O primeiro deles é o efetivo crescimento, no Brasil, do interesse sobre a História Medieval e a ocupação, nos departamentos das universidades, das disciplinas respectivas a essa matéria de ensino por especialistas na área.<sup>8</sup> Em segundo lugar, uma facilidade maior de contato com documentos até então restritos aos especialistas formados na Europa, local que, sem dúvidas, ainda hoje reside como maior referência de trabalhos acadêmicos no campo. É claro que não me restringirei em apresentar só os pontos positivos que a Internet tem possibilitado para nós medievalistas brasileiros, mas, em suma, estes são os quesitos que nortearam minhas reflexões na ocasião da redação deste paper.

### **A Idade Média na internet**



Quando fui convidado a expor minhas idéias no curso de extensão promovido pelo GET-UFS, a primeira atitude que tomei foi clicar no buscador Google o termo Idade Média.<sup>9</sup> Não surpreso observei que em exatos 0,05 segundos, a pesquisa encontrou, aproximadamente, 3.300.000 resultados relacionados com a minha procura. É claro que devemos considerar que muita coisa, talvez, grande parte do encontrado, não se relacione diretamente com a disciplina de maneira formal, com o campo ou mesmo o tema, mas é inevitável não considerarmos que o assunto é pauta, seja tratado de maneira ortodoxa ou não. Prosseguindo, resolvi utilizar a ferramenta Estou com sorte do famoso site de busca e fui encaminhado para a não menos conhecida Wikipédia,<sup>10</sup> cuja parte do texto de apresentação sobre o período denominado Idade Média reproduzo: <sup>11</sup>

A Idade Média, Idade Medieval, Era Medieval ou Medievo<sup>12</sup> foi o período intermédio numa divisão esquemática da História da Europa, convencionada pelos historiadores, em quatro "eras", a saber: a Idade Antiga, a Idade Média, a Idade Moderna e a Idade Contemporânea.

Este período caracteriza-se pela influência da Igreja sobre toda a sociedade. Esta encontra-se dividida em três classes: clero, nobreza e povo. Ao clero pertence a função religiosa, é a classe culta e possui propriedades, muitas recebidas por doações de reis ou nobres a conventos. Os elementos do clero são oriundos da nobreza e do povo. A nobreza é a classe guerreira, proprietária de terras, cujos títulos e propriedades são hereditários. O povo é a maioria da população que trabalha para as outras classes, constituído em grande parte por servos.

O sistema político, social e económico característico foi o feudalismo, sistema muito rígido em progressão social.

Fomes, pestes e guerras são uma constante durante toda a era medieval. As invasões de árabes, vikings e húngaros dão-se entre os séculos VIII e XI. Isto trouxe grande instabilidade política e económica.

A economia medieval é em grande parte de subsistência. A riqueza era medida em terras para cultivo e pastoreio. O comércio era escasso e a moeda era rara. A economia baseava-se no escambo.

Muitos Estados europeus são criados nesta época: França, Inglaterra, Dinamarca, Portugal e os reinos que se fundiram na moderna Espanha, entre outros. Muitas das



línguas faladas na Europa evoluíram nesta época a partir do latim, recebendo influências dos idiomas dos povos invasores.<sup>13</sup>

Há muito nós docentes sabemos que tais ferramentas são manuseadas com destreza pelos nossos discentes, seja a fase de conhecimento que for, e não quero e nem entrarei no mérito de tentar corrigir alguns generalismos e esteriótipos presentes no trecho supracitado, até porque não é esse o meu objetivo no presente trabalho. Quis apenas demonstrar um dos infinitos exemplos de possibilidades que qualquer pessoa comum ou profissional da área de História tem de acesso sobre o tema Idade Média e suas muitas representações. Inevitavelmente, afirmar que o Google é o oráculo dos tempos atuais não é mera invenção!

Se nos propormos a maior especificidade e digitarmos na caixa de busca o termo História Medieval encontraremos um pouco mais de informação e inúmeras indicações de sites que denominarei aqui de “escolares”.<sup>14</sup> O que me chamou atenção, no entanto, nessa segunda etapa, foi encontrar, também, alguns sites que conceituei como “acadêmicos”,<sup>15</sup> a citar, um administrado por Ricardo da Costa, professor doutor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)<sup>16</sup> e um arquivo em extensão .pdf alocado na página do Grupo de Trabalho de Estudos Medievais da Anpuh-RS,<sup>17</sup> entre alguns outros arquivos e artigos, destacando-se, inclusive, uma revista do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa.<sup>18</sup> Num quadro mais geral, é perceptível que se alguém tentar realizar a impossível tarefa de mapear os infinitos sítios presentes na Rede sobre Idade Média não conseguirá chegar a 1% da empreitada mesmo que para tal o pesquisador recorra ao conceito de representação.<sup>19</sup>

Posso afirmar, assim, mesmo sem ter mergulhado nesse buraco negro virtual, que, grosso modo, encontraremos na Web uma Idade Média mais específica, seja a dita escolar ou a acadêmica, e outra mais fantasiosa, como veremos a seguir por meio de um breve relato de pesquisa.

Em recente tentativa de levantamento sobre as representações do medievo na Internet, um orientando meu de graduação, Rafael Costa Prata, objetivou analisar numa famosa rede social como o período medieval era discutido em inúmeras comunidades.<sup>20</sup> Os resultados, ainda não expostos em forma de artigo, nos levaram a conclusão de que o tema permeia o imaginário de



muitas pessoas no nosso país, desde como um período marcado pelo poderio eclesiástico, de bruxarias e monstros, até como o fruto de todas as mazelas do mundo contemporâneo!

### **A internet e os estudos medievais no Brasil**

Porém, nem tudo são males para a pesquisa e ensino de História Medieval no Brasil, longe de ser o campo da História preferido pelos graduandos nas universidades, há um bom tempo, nossa área tem crescido em número e qualidade perceptivamente.<sup>21</sup> O quadro dessa situação pode ser pintado com o exemplo de lugares cujo histórico não é o de serem expressivos pontos de produção de conhecimento sobre a temática, mas, que vem se destacando com o passar dos anos com uma forte elaboração de eventos científicos, publicação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses de qualidade atestável. Uma região cujo histórico de estudos relacionados ao medievo era escasso, mas que tem tido grande expressão desde 2009, é o Centro-Oeste, tendo o Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso como um forte exemplo.<sup>22</sup> Atualmente, o Vivarium – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo da UFMT conta com quatro professores especializados em Idade Média e 25 discentes, sendo 07 alunos de Iniciação Científica, 02 monitores, 02 mestrandos, e os demais iniciando ou concluindo por meio de monografias de fim de curso seus primeiros passos nos estudos sobre o período.<sup>23</sup> Destaca-se ainda que a presidência da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM)<sup>24</sup> encontra-se, atualmente, com sede em Cuiabá, onde se realizou, no ano de 2010, o I Encontro Regional da ABREM Centro-Oeste e realizar-se-á o IX Encontro Internacional de Estudos Medievais, cujo tema de discussão será “O ofício do medievalista”.<sup>25</sup>

Atribuímos esse “crescimento” na formação e ocupação de cadeiras de História Medieval não só ao fenômeno universitário dos últimos anos, mas, também, na maior solidificação do campo na última década.<sup>26</sup> Para nós, a Internet também tem um papel que não deve ser ignorado neste “fenômeno” inegável que, claro, está longe ainda de ser o ideal.

Em artigo publicado, em 2008, na edição número 10 da Signum – Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais, os professores e pesquisadores Mário Jorge da Motta Bastos e Leandro Duarte Rust, traçaram um panorama interessante sobre a História Medieval no Brasil, atestando, inclusive que o quadro mudou muito daquele exposto nos anos 80 no livro *Modo de Produção Feudal*, organizado por Jaime Pinsky,<sup>27</sup> no qual, segundo os autores do



artigo, uma renomada historiadora brasileira parecia vaticinar nas páginas iniciais da obra que:

[...] as nossas universidades [brasileiras] jamais formariam um especialista em História Medieval, por tratar-se esse de um passado que não nos pertencia e que nos era ‘alheio’ por razões diversas. Restar-nos-ia apenas ministrar, conformados, cursos honestos, se é que tal paroxismo é possível.<sup>28</sup>

A realidade é outra. Hoje as fileiras estão preenchidas por especialistas que tiveram todo o curso realizado e orientado no Brasil, saindo do país apenas para participação de cursos, ateliês formadores ou mesmo para pós-doutorados, e muita dessa formação em terras brasileiras destes profissionais dedicados a esse período fixa-se na possibilidade maior que se tem atualmente de acesso a documentos e uma bibliografia mais atualizada. É evidente que com a Internet ocorreu uma maior democratização do conhecimento acadêmico, seja por meio de revistas especializadas na área, cujo acesso via Rede foi facilitado, ou mesmo ao processo de digitalização de muitos documentos até então apenas acessíveis aos estudantes e pesquisadores por meio de viagens ao exterior e compras via importadoras. Sem contar que, atualmente, mesmo as edições críticas de documentos impressos tem seu acesso e conhecimento facilitado via catálogos disponíveis na Internet.

Hoje em dia, posso destacar, ainda, que o diálogo, outrora dificultado pela distância, foi muito facilitado graças às páginas administradas por Grupos e Laboratórios de Pesquisas mantidos por universidades públicas brasileiras que, por meio da Web, tem divulgado seus trabalhos, resultados de pesquisa, eventos científicos, publicações, etc. Podemos destacar a página do Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o PEM-UFRJ, que mantém uma consolidada lista de discussão na Internet sobre temas relacionados ao medievo e tem uma grande rotatividade de alunos distribuídos entre graduandos, mestrandos e doutorandos<sup>29</sup> e o LEME, Laboratório de Estudos Medievais, que conta com núcleos de pesquisa alocados na USP, UNICAMP, UNIFESP, UFG e UFMG.<sup>30</sup> Estes somados a outros grupos e laboratórios de pesquisa espalhados pelo Brasil tem possibilitado a formação de especialistas na área de História Medieval e o intercâmbio com instituições estrangeiras, ora trazendo renomados professores para ministrar cursos aqui ou enviando estudantes para cursarem disciplinas fora do nosso país.



Adentrando na discussão sobre a participação da Internet na formação desses jovens especialistas na área e suas contribuições positivas e negativas no estabelecimento e reconhecimento do campo, o professor doutor Leandro Duarte Rust respondeu alguns dos meus questionamentos sobre essa possível contribuição no crescimento dos estudos medievais no nosso país e mesmo como ferramenta indispensável na formação desses novos medievalistas nos quais nós dois nos incluímos. Segue abaixo a entrevista:<sup>31</sup>

**Bruno Alvaro:** Observando o atual quadro de especialistas em Idade Média no Brasil, talvez, ainda longe do fundamental, é possível realizar um balanço e perceber alguma contribuição da Internet para tal fenômeno na formação de profissionais nessa área nas universidades do nosso país?

**Leandro Rust:** Sem dúvida. A Internet alterou drasticamente dois aspectos basilares na elaboração do saber medievístico nacional: o acesso às fontes medievais impressas e a ampliação das possibilidades de acesso e atualização do repertório bibliográfico utilizado. Neste sentido, a Internet consolidou-se como um recurso crucial na reformulação das bases de produção e de legitimidade científica de ramos de conhecimento usualmente concebidos como uma “história do outro”, para a qual não possuímos qualquer estrutura em escala nacional relevante de arquivos ou acervos bibliográficos. Gostaria, portanto, de ressaltar o papel da Internet como meio de expansão dos horizontes intelectuais da medievalística nacional.

**Bruno Alvaro:** Na sua opinião, no que diz respeito à divulgação, quais os papéis prós e contras da Internet na difusão da produção sobre esse período?

**Leandro Rust:** Este, certamente, é um ponto que merece cautela maior em relação ao questionamento anterior. Dispensa qualquer comentário as facilidades e a extrema agilidade e eficácia da Internet em noticiar a produção do conhecimento – neste caso, obviamente, sob uma lógica mercadológica e aprioristicamente consumista. A Internet tem, de modo cada vez mais veloz, levado a escalas desconhecidas nossas possibilidades de divulgação e acesso a livros, artigos, etc. Todavia, se as contribuições da Web para a acessibilidade de recursos de pesquisa é notável, seus instrumentos para a difusão do conhecimento são ainda extremamente inadequados e insuficientes, sob um ponto de vista intelectual. Note-se, neste sentido, os impactos de banalização da racionalidade científica ocasionados pela Web.



Orientado pela premissa de que o conhecimento histórico está calcado em um horizonte epistemológico racionalista, não posso estender qualquer gesto de aprovação irrestrita quanto a este tópico. Pelo contrário, são abundantes os indícios de que a Internet exerce um papel direto no ocaso do rigor teórico-metodológico em prol de doses maciças de saberes meramente informativos ou descritivos, em disseminar ênfase excessiva nos aspectos românticos ou meramente midiáticos das referências acerca do mundo medieval, na massificação de atitudes intelectuais calcadas na efemeridade e na volatilidade da experiência de estudos sobre um campo que notoriamente requer referenciais de erudição e rigor que a própria lógica comportamental da Internet tem apresentado como cada vez mais ultrapassados, caducos ou extemporâneos à “sociedade da informação”. Quanto a este quesito a Internet, a meu ver, se revela uma fonte de graves riscos para os fundamentos racionalistas e minimamente cientificistas do conhecimento sobre a Idade Média. Seu papel aqui se mostra, em minha avaliação, desproporcionalmente negativo.

**Bruno Alvaro:** É inevitável não destacarmos que o acesso a documentação medieval tornou-se mais “fácil” ou mesmo ágil após a Internet. Em termos metodológicos você assinala alguma preocupação mais profunda ou mesmo faz distinções entre o documento impresso ou digitalizado?

**Leandro Rust:** Acredito que as afirmações aos questionamentos anteriores, em conjunto, podem ser estendidas para responder a esta questão. Mas em síntese: sem dúvida, como veículo apoteótico de nossa lógica social autoconsumptiva, a Internet alimenta graves riscos aos fundamentos metodológicos que ainda definem a identidade epistemológica do conhecimento histórico.

**Bruno Alvaro:** É possível falar em documento “primário” via digitalizações disponíveis na Internet? Você enxerga prós ou contras no que diz respeito ao processo de digitalização?

**Leandro Rust:** Como disse na resposta 1, de forma alguma. O vocábulo “primário” precisa ser restituído à sua atmosfera intelectual: o pensamento historicista oitocentista. Sua elevação ao status de “fonte” não corresponde mais aos contributos teóricos oferecidos à racionalidade histórica por correntes como o historicismo relativista, a hermenêutica crítica ou o linguistic turn. A própria trajetória da construção científica do conhecimento histórico, muito antes da Internet, fez desse dilema uma questão sem maiores propósitos, posto que atrelada a um velho sonho cartesiano do historicismo do século XIX. A Internet e a digitalização deram um novo



rosto ao difícil problema epistemológico da relação entre a construção objetiva de um conhecimento que inevitavelmente está calcado em perspectivas subjetivistas: esse problema a antecede e a ultrapassa já há muito tempo e, a meu ver, por sua deficiente estrutura de critérios epistêmicos – como apontado na questão 2 – a Internet pouco interfere nesse debate. Ela pode nos distanciar dele ou nos levar a omiti-lo, mas ela exerce pouquíssimo efeito constitutivo sobre ele.

Parece-me que ficam evidentes para nós as ressalvas do professor sobre alguns “pontos cegos” que a Internet possibilita contra o estudo da Idade Média. Porém, me pergunto: quem dentre os atuais medievalistas brasileiros tem se atentado para essas implicações no nosso campo?

Alguns professores já tem se preocupado em refletir acerca do ofício do medievalista e a historiografia sobre o medievo,<sup>32</sup> é o caso, por exemplo, dos artigos presentes no livro *A Idade Média entre os séculos XIX e XX: Estudos de Historiografia*,<sup>33</sup> organizado pela professora Néri de Barros Almeida e o resultado das conferências, mini-cursos e mesas-redondas apresentadas no I Encontro de História Antiga e Medieval do Maranhão: Cultura e Ensino que culminou no livro *História Antiga e Medieval: Cultura e Ensino*,<sup>34</sup> organizado pelos professores Adriana Zierer e Carlos Alberto Ximendes. No entanto, o assunto Idade Média e Internet, não nos parece ser, no Brasil, ponto de pauta imediato entre os medievalistas, ao menos, não tive ainda contato com tal tema na própria Web ou em eventos científicos por ocasião da preparação deste trabalho, situação que sei que pode mudar até a publicação deste artigo. Este quadro não é o mesmo em outras áreas de saber historiográfico produzido em nosso país. Porém, esta condição, no que diz respeito ao medievo, não é a mesma quando transferimos nosso olhar para fora.

Na Espanha, já é possível encontrar trabalhos que se preocupam em refletir acerca do uso da Internet nos estudos medievais e mesmo a maneira como a Idade Média vem sendo divulgada na Rede Mundial de Computadores. É o caso, por exemplo, do interessante artigo de Antonio Malalana Ureña intitulado *La Edad Media en la web. Fuente de información o de desinformación*,<sup>35</sup> porém, seu trabalho se fixa apenas em rastrear e analisar os sítios que armazenam documentos relacionados ao período e nisso é muito feliz em seu artigo.



Segundo ele, o caso espanhol de armazenamento de dados a respeito da Idade Média – digitalização de documentos, sites na Web de divulgação de trabalhos científicos, etc – ainda está longe do ideal se comparado com outras áreas como a Contemporânea, por exemplo.<sup>36</sup> O fato é que mesmo com toda a crítica realizada por Malalana Ureña à luz da realidade brasileira, por diversos fatores, os poucos projetos encabeçados por Espanha, França, Portugal, Itália e Alemanha, ainda possibilitam a nós medievalistas brasileiros um sustentáculo interessante de acesso documental. Como é o caso, por exemplo, do E-codices: Bibliothèque virtuelle des manuscrits en Suisse que disponibiliza diversos manuscritos digitalizados para acesso livre e gratuito.<sup>37</sup> Ou mesmo diversas outras bases de dados, como a Portada de Archivos Españoles,<sup>38</sup> a Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes,<sup>39</sup> etc, que mesmo não sendo especificamente relacionados à disponibilização de documentos medievais digitalizados, possibilitam uma pequena gama de acesso a eles. Eu poderia aqui listar inúmeras outras bases diretamente relacionadas ao período medieval, porém, qualquer um que se interesse facilmente terá acesso a essas informações no artigo de Antonio Malalana Ureña facilmente encontrado na base de busca Dialnet.<sup>40</sup>

### **Conclusões parciais**

Como afirma Antoine Prost na abertura do belíssimo livro *Doze Lições Sobre a História*: “a história depende da posição social e institucional de quem a escreve”<sup>41</sup>, Sendo assim, acredito que o interesse sobre as representações da Idade Média na Internet deva ser também motivo de atenção por parte de nós historiadores dedicados a esse período. No entanto, já é possível notar no Brasil uma nova geração de estudantes que mesmo caminhando para uma possível especialização em História Medieval, tem voltado o olhar para isso e chamado para si o postulado crociano, citado por mim no início do texto. Ou seja, uma propensa escolha por um tema como o medieval não foi e nunca será argumento plausível para a ausência de um diálogo mais profundo com nossos colegas de outras áreas da História sobre temáticas aparentemente distantes dos nossos interesses. Aliás, sou levado a crer que, atualmente, ninguém mais se porte assim, cerrado em seu tema de pesquisa, ignorando novas abordagens empreendidas e aplicadas sobre outros períodos históricos.

Fica, para mim, também, duas certezas, num tempo que nada mais foge às redes sociais, blogs e microblogs: a produção historiográfica e sua recepção evidentemente se modificou, porém,



até que ponto temos percebido isso? Acredito que eventos como este promovido pelo GET-UFS e outros pelo Brasil nos dão a chance de refletir um pouco sobre esta questão.

A segunda evidência é, ao mesmo tempo, que nos foge ao controle, não muito diferente das palavras ditas e escritas, o conhecimento produzido sobre a Idade Média, o interesse pelo período por nossos estudantes, fenômeno encabeçado, defendo eu, em grande parte, pela Internet e pelo Cinema, tem crescido substancialmente mesmo com todos os problemas apresentados pelo professor Leandro Rust em sua entrevista. Ao mesmo tempo é fato que a escrita da História vem se modificando com o passar dos anos e essa transformação tem, inevitavelmente, atingido todas as áreas da nossa disciplina. Como afirma María Cruz Rubio Liniers:

Para que exista una verdadera eficacia en la transmisión de la información es necesario conocer las características de la disciplina en la que se trabaja, su crecimiento, evolución, grado de interdisciplinariedad, el lenguaje que le es propio, así como el tipo de documentos que utiliza y publica el investigador. La Historiografía tiene ciertas peculiaridades documentales con entidad y carácter propio, y otras comunes con la mayoría de las Ciencias Sociales. Los historiadores utilizan el documento de archivo como fuente primaria de su investigación, y por tanto es lógico que valoren sobre todo dichos fondos. Consideramos en historiografía fuentes primarias aquellas que se crearon en la época que se investiga y que representan el soporte documental de un estudio y el concepto de documento y documentación ha ido unido para el historiador a la documentación de archivo. Hoy los archivos están empezando a despegar en la utilización de las nuevas tecnologías de la información. Internet permite no solo consultar los catálogos sino incluso llegar al documento. Pero no debemos olvidar que las fuentes primarias van mucho más allá de la documentación archivística sobre todo en Historia Contemporánea. Los libros, las revistas, los periódicos, las cartas, los programas de TV, la información que navega por Internet, serán un día fuentes primarias para la investigación histórica.<sup>42</sup>

Concordo com a autora, mas penso que a problemática não se centra apenas na História denominada Contemporânea, mesmo acreditando que nela se fixe a maior preocupação. Este vento sul tende a atingir também áreas consideradas mais “remotas” como a própria História



Antiga e a já referida História Medieval. Já é possível, e diversas dissertações e teses defendidas há tempos comprovam isso, empreender estudos sobre Grécia e Roma sem tirar os pés do território brasileiro. Não quero afirmar com isso que a oportunidade de intercâmbios ou visitas às instituições estrangeiras não são mais válidas ou mesmo não se façam mais necessárias. Negativo. Contudo, o que quero defender aqui é que a visão de exotismo e mesmo questionamentos como os que ouvi, por exemplo, quando assumi minha vaga de professor assistente de História Antiga e Medieval na Universidade Federal de Sergipe, paulatinamente, diminuirão – estudar a Idade Média no Brasil já não é mais visto tanto como uma alienação.<sup>43</sup> Pois bem, apesar do grande interesse que a área tem mobilizado é inevitável não concordarmos com a afirmação dos professores Mário Jorge e Leandro Rust sobre seu “contestado status e limitado reconhecimento no âmbito de nossos departamentos e universidades, por tratar-se de um passado que não nos pertenceria”.<sup>44</sup> Longe de querer transformar um ensaio sobre a relação entre o estudo da Idade Média e as possibilidades disponíveis na Internet num manifesto em prol da reconção deste campo, se é que isso não aconteceu, não é meu objetivo, tampouco dos autores citados, acredito eu, generalizar tal situação, que tem se modificado paulatinamente em várias partes do país, contudo, apenas alertar para um problema, muitas vezes ignorado por nós professores e pesquisadores nos nossos departamentos.

Concluindo, nos resta o questionamento dos colegas de ofício supracitados: “Como conceber que esta história não nos diz respeito?” Ora, eles mesmos nos respondem:

Assumir uma tal perspectiva constitui (...) visão estreita e limitada, incompatível com a amplitude “visionária” dos pioneiros historiadores ensaístas brasileiros que, voltados à conceitualização e caracterização de nosso passado e herança coloniais, não hesitaram em debruçar-se com afinco no estudo da estruturação feudal das metrópoles européias à época da Conquista. Dentre estes, merecem destaque as teses de Nelson Werneck Sodré e, em especial, aquelas devidas a Alberto Passos Guimarães, na medida em que atribuem ao sistema colonial um caráter feudal, cujos resquícios, duradouros – mazelas de longa duração – seriam responsáveis pelo nosso atraso e subdesenvolvimento.<sup>45</sup>

Sendo assim, conceber, por exemplo, a História Colonial do Brasil sem o auxílio, em algum momento, do estudo empreendido por medievalistas é ignorar um ponto crucial no



estudo.<sup>46</sup> Exemplo demasiado longo, eu sei, mas que serve simplesmente para afirmar que pensar História Medieval, no Brasil ou em qualquer outro local de produção que seja e esquecer-se do contexto no qual estamos inseridos no campo da História (nas suas teias políticas e institucionais), como bem afirmou Prost, é, com o perdão da metáfora, dar voltas em torno do próprio rabo. As especialidades no corpo da História como disciplina, ao contrário do que muitos defendem, não é uma demasiada fragmentação do nosso ofício, mas, sim, apenas uma possibilidade maior de diálogo. Se assim não o é, pelo menos deveria ser, esse é o meu posicionamento, como professor e pesquisador na área de Medieval, é isso o que eu defendo aqui. Idade Média e Internet não são pólos distantes, pontas de novelos perdidos. São a possibilidade futura/presente de um debate que, espero, se inicie aqui.

## Notas

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em História pelo PPGHC-UFRJ. Prof<sup>o</sup>. efetivo de História Antiga e Medieval no DHI-UFS desde 2009. Pesquisador (Vivarium) – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo da UFMT e no Programa de Estudos Medievais da UFRJ. E-mail: [brunoalvaro@ufs.br](mailto:brunoalvaro@ufs.br)

<sup>2</sup> O Grupo de Estudos do Tempo Presente é coordenado pelo Prof. Dr. Dilton Cândido S. Maynard e realiza atividades de pesquisa e extensão desde 2008, é sediado na Universidade Federal de Sergipe e cadastrado no diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. O grupo conta ainda com a participação de diversos professores e graduandos. Cf. <http://www.getempo.org/>. Último acesso: 11 de abril de 2011.

<sup>3</sup> Meus agradecimentos ao Prof. Dr. Augusto da Silva, colega de departamento na Universidade Federal de Sergipe, pela leitura do manuscrito antes e após o evento em que ele foi apresentado, ao Prof. Dr. Leandro Duarte Rust, da Universidade Federal de Mato Grosso, por se prontificar em responder às questões da entrevista exposta nesse texto e ao Prof. Dr. Dilton Cândido S. Maynard, pelo convite e a confiança depositada em mim para escrever sobre um tema tão novo e no qual meu domínio é praticamente mínimo. Aos três, minha sincera gratidão.

<sup>4</sup> AGULHON, Maurice. Visão dos Bastidores. In: \_\_\_\_ et al. Ensaio de Ego-História. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 13-62. p. 13-14.

<sup>5</sup> Nesse sentido sugiro dois interessantes artigos: FERNÁNDEZ IZQUIERDO, Francisco. Investigar, escribir y enseñar historia en la era de internet. Presentación. Hispania: Revista Española de Historia, 2006, v. 66, n. 222, enero-abril, p. 11-30 e PONS, Analet. La historia maleable. A propósito de internet. Hispania: Revista Española de Historia, 2006, v. 66, n. 222, enero-abril, p. 109-130.

<sup>6</sup> CROCE, Benedetto. História como História da Liberdade. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.



<sup>7</sup> Sobre a História do Tempo Presente indicamos a síntese apresentada no artigo escrito por CRUZ, Marcus; RODRIGUES, Cândido. Tempos e Histórias do Presente. Reflexões acerca da constituição da História do Tempo Presente e de suas temporalidades. In: HARRES, Marluza Marques; NETO, Vitale Joanoni. História, Terra e Trabalho em Mato Grosso: Ensaio Teóricos e Resultados de Pesquisa. São Leopoldo: Oikos; Ed. Unisinos/Cuiabá: EdUFMT.

<sup>8</sup> Cabe ressaltar que no caso do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, em sintonia com muitos departamentos universitários de outras regiões do país, o que temos até o momento é uma mesma matéria de ensino para as áreas de Antiga e Medieval denominada “História Antiga e Medieval” comportando assim as disciplinas de Pré-História, História Antiga I e II (esta optativa) e Medieval I e II (também optativa). Em alguns departamentos de História brasileiros já é possível contar com a saudável separação entre os dois campos.

<sup>9</sup> <http://www.google.com.br/>. Limitei-me a realizar tal busca apenas por meio dessa ferramenta. Existem muitas outras como sabemos. Último acesso: 11 de abril de 2011.

<sup>10</sup> <http://www.wikipedia.org/>. Último acesso: 12 de abril de 2011.

<sup>11</sup> Procurei deixar os hiperlinks para demonstrar a infinitas possibilidades de informações que um texto publicado no ciberespaço oferece.

<sup>12</sup> Grifos da Wikipédia.

<sup>13</sup> Verbete Idade Média. In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade\\_M%C3%A9dia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade_M%C3%A9dia). Último acesso: 12 de abril de 2011.

<sup>14</sup> É apenas uma classificação no qual não levei em consideração qualidade, conteúdo, etc. Ou seja, não quero dizer que esses sites sugeridos pelo Google não tenham sua pertinência. Cabe apenas dosar para qual tipo de pesquisa eles serão utilizados.

<sup>15</sup> Neste caso, por apresentarem informações mais elaboradas ou mesmo específicas sobre o tema Idade Média.

<sup>16</sup> A página pessoal do reconhecido professor (<http://www.ricardocosta.com/>) dá acesso a conhecida revista acadêmica Mirabilia: Revista Eletrônica da Antiguidade e Idade Média: <http://www.revistamirabilia.com/>. Último acesso: 12 de abril de 2011.

<sup>17</sup> A página pessoal do reconhecido professor (<http://www.ricardocosta.com/>) dá acesso a conhecida revista acadêmica Mirabilia: Revista Eletrônica da Antiguidade e Idade Média: <http://www.revistamirabilia.com/>. Último acesso: 12 de abril de 2011.

<sup>18</sup> Medievalista On-Line. <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>. Último acesso: 12 de abril de 2011.

<sup>19</sup> No caso em questão me refiro à conceitualização chartiana, já muito conhecida e utilizada nos círculos acadêmicos brasileiros, talvez, até de forma desgastada, reconheço. Sobre o conceito sugiro o já demasiadamente lido CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 2002.

<sup>20</sup> O estudante se dedicou, aproximadamente, cinco meses levantando e acompanhando os tópicos de debates em diversas comunidades do Orkut e encontrou as mais variadas perspectivas sobre o medievo.



<sup>21</sup> Um estudo sobre este crescimento já foi analisado, em 2006, num interessante artigo escrito pelo Prof. Dr. José Rivair Macedo. Ver: MACEDO, José Rivair. Os Estudos Medievais no Brasil: tentativa de síntese. *Reti Medievali Rivista*, v. 7, n. 1, gennaio-giugno, 2006. Disponível em: [http://www.dssg.unifi.it/\\_RM/rivista/saggi/RivairMacedo.htm](http://www.dssg.unifi.it/_RM/rivista/saggi/RivairMacedo.htm). Último acesso: 15 de março de 2011. Ver ainda, FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. Reflexões sobre o Estudo da Idade Média. *Videtur*, n. 6, 1999. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/videtur6/raul.htm>. Último acesso: 14 de março de 2011.

<sup>22</sup> Não ignorei aqui a Universidade Federal de Goiás, tampouco a Universidade de Brasília, locais de excelência e formação de diversos especialistas na área. Como não citar os trabalhos do professor José Antônio de C. R. de Souza grande nome e incentivador dos estudos medievais no nosso país? Ou mesmo os trabalhos da professora Maria Filomena Coelho da UnB?

<sup>23</sup> Informações obtidas por meio de correio eletrônico em 5 de abril de 2011, com os professores doutores Leandro Duarte Rust e Marcus Silva da Cruz.

<sup>24</sup> A Associação Brasileira de Estudos Medievais foi criada em 1996 e tem caráter interdisciplinar comportando pesquisadores principalmente das áreas de História, Letras e Filosofia. Ela realiza encontros internacionais bianualmente, possui um jornal semestral contendo matérias sobre eventos e publicações relacionadas ao medievo e até 2008 mantinha uma revista impressa anual, a *Signum*, que era distribuída exclusivamente aos sócios e instituições de ensino superior no Brasil e no exterior. A partir de 2010, a revista converteu-se em uma publicação digital e semestral e pode ser acessada por todo o público em: <http://www.revistasignum.com/>. Atualmente, a associação conta com, aproximadamente, 611 sócios. Cf. <http://www.abrem.org.br>. Último acesso: 11 de abril de 2011.

<sup>25</sup> Cf. <http://www.abrem.org.br/eiem/>. Último acesso: 11 de abril de 2011.

<sup>26</sup> É o caso das regiões Norte e Nordeste que vem crescendo muito no âmbito nacional, sendo celeiros de concursos tanto para a área de História Medieval como de Antiga, uma vez que nessas regiões, como já dito, raríssimos são os casos de departamentos que separam os dois campos.

<sup>27</sup> PINSKY, Jaime. (Org.). *Modo de Produção Feudal*. 3ª Edição. São Paulo: Global, 1984.

<sup>28</sup> BASTOS, Mário Jorge da; RUST, Leandro Duarte. *Translatio Studii. A História Medieval no Brasil*. *Signum*, São Paulo, n. 10, p. 163-188, 2008. p. 164.

<sup>29</sup> O PEM-UFRJ foi criado em 1991 e atualmente é coordenado pelas professoras doutoras Andréia Cristina L. Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva contando com a participação de outros 27 pesquisadores, distribuídos entre várias instituições brasileiras: UFRJ, UFF, UERJ, USP, UMESP, UNESP, UFRGS, UFPR, UFMT, UnB, UFS, UFBA e UFPA e estrangeiras: École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Facultad de Filosofia e Humanidades de la Universidad de Córdoba e Universidad Autónoma de Madrid (UAM). Além de um total de 41 estudantes, em 2011, divididos entre doutorandos, mestrandos e graduandos realizando pesquisas no âmbito do Programa. Cf. [www.pem.ifsc.ufrj.br](http://www.pem.ifsc.ufrj.br). Último acesso: 12 de abril de 2011. Ressaltamos, ainda, que o



estado do Rio de Janeiro ainda comporta outros dois importantes laboratórios: o *Translatio Studii* – Dimensões do Medievalo (<http://www.historia.uff.br/dimensoes/>), coordenado pelo professor doutor Mário Jorge da Motta Bastos e o Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos (*Scriptorium*), coordenado pela professora Vânia Leite Fróes, todos os dois no âmbito da Universidade Federal Fluminense.

<sup>30</sup> O LEME foi criado em 1999 e é coordenado pelo professor doutor Marcelo Cândido da Silva. Cf. <http://leme.vitis.uspnet.usp.br/>. Último acesso: 13 de abril de 2011.

<sup>31</sup> A entrevista foi realizada no dia 07 de abril de 2011 via e-mail.

<sup>32</sup> Como já citado, o tema do IX Encontro Internacional da Associação Brasileira de Estudos Medievais, será, justamente o ofício do medievalista. Destaco, ainda, a oferta do minicurso *Introdução à Pesquisa em História Medieval* que será ministrado pelo Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos, da UFF, e pesquisador do NIEP-Prék – *Translatio Studii*.

<sup>33</sup> ALMEIDA, Néri de Barros. (Org.). *A Idade Média entre os Séculos XIX e XX: Estudos de Historiografia*. Campinas: Unicamp/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

<sup>34</sup> XIMENDES, Carlos Alberto; ZIERER, Adriana. (Orgs.). *História Antiga e Medieval: Cultura e Ensino*. São Luis: Editora UEMA, 2009.

<sup>35</sup> MALALANA UREÑA, Antonio. *La Edad Media en la web. Fuente de información o de desinformación*. *Hispania: Revista Española de Historia*, 2006, v. 66, n. 222, enero-abril, p. 59-108.

<sup>36</sup> Ver: MELO FLORÉZ, Jairo Antonio. *Historia digital: la memoria en el archivo infinito*. *Historia Crítica*, 2011, n. 43, enero-abril, p. 83-103 ePONS, Anaclét. “Guardar como”. *La historia y las fuentes digitales*. *Historia Crítica*, 2011, n. 43, enero-abril, p. 38-61. Agradeço o Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá, do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, pela sugestão deste número da *Revista História Crítica* no qual me deparei com diversos artigos discutindo o tema *Internet e História*. Tal colega, aliás, foi o primeiro a me instigar a refletir sobre o tema *Idade Média e Internet* por ocasião do XIII Encontro Sergipano de História, em 2010, fica aqui a dívida expressa em palavras.

<sup>37</sup> Cf. <http://www.e-codices.unifr.ch/>. Último acesso: 12 de abril de 2011.

<sup>38</sup> Cf. <http://pares.mcu.es/>. Último acesso: 12 de abril de 2011.

<sup>39</sup> Cf. <http://www.cervantesvirtual.com/>. Último acesso: 12 de abril de 2011

<sup>40</sup> Cf. <http://dialnet.unirioja.es/>. Último acesso: 13 de abril de 2011.

<sup>41</sup> PROST, Antoine. *Doze Lições Sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 7.

<sup>42</sup> RUBIO LINIERS, María Cruz. *Fuentes bibliográficas para la historia en internet. Estado de la cuestión*. *Hispania: Revista Española de Historia*, 2006, v. 66, n. 222, enero-abril, p. 131-154. p. 132.

<sup>43</sup> Refiro-me ao questionamento de alguns alunos sobre se eu havia cursado meu mestrado fora do país e se meu doutorado também estava sendo realizado fora do território nacional.

<sup>44</sup> BASTOS; RUST, op. cit. p. 169.



<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Não estou defendendo aqui o mito do eterno retorno. Não quero dizer que para entender a História Colonial Brasileira seja necessário um progressivo curso sobre feudalismo europeu na Idade Média, entretanto, não posso deixar de ressaltar, como bem demonstrado pelos colegas em seu artigo, que muitas das características presentes na sociedade colonial possam ser explicadas por meio de uma comparação com as estruturas da Idade Média Tardia, algo que parece atualmente ignorado pela historiografia. Sobre o debate a respeito do “mito do eterno retorno”, ver: ELIADE, Mircea. *Le Mythe De L'Eternel Retour*. Paris: Gallimard, 1989.

### Referências Bibliográficas

AGULHON, Maurice. Visão dos Bastidores. In: \_\_\_\_\_. et al. **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ALMEIDA, Néri de Barros. (Org.). **A Idade Média entre os Séculos XIX e XX: Estudos de Historiografia**. Campinas: Unicamp/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

BASTOS, Mário Jorge da; RUST, Leandro Duarte. *Translatio Studii*. **A História Medieval no Brasil**. Signum, São Paulo, n. 10, p. 163-188, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CROCE, Benedetto. **História como História da Liberdade**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

CRUZ, Marcus; RODRIGUES, Cândido. Tempos e Histórias do Presente. Reflexões acerca da constituição da História do Tempo Presente e de suas temporalidades. In: HARRES, Marluza Marques; NETO, Vitale Joanoni. **História, Terra e Trabalho em Mato Grosso: Ensaio Teóricos e Resultados de Pesquisa**. São Leopoldo: Oikos; Ed. Unisinos/ Cuiabá: EdUFMT.

ELIADE, Mircea. *Le Mythe De L'Eternel Retour*. Paris: Gallimard, 1989.

FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. **Reflexões sobre o Estudo da Idade Média**. *Videtur*, n. 6, 1999. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/videtur6/raul.htm>. Último acesso: 14 de março de 2011.

FERNÁNDEZ IZQUIERDO, Francisco. **Investigar, escribir y enseñar historia en la era de internet**. *Presentación*. *Hispania: Revista Española de Historia*, 2006, v. 66, n. 222, enero-abril, p. 11-30.

MACEDO, José Rivair. **Os Estudos Medievais no Brasil: tentativa de síntese**. *Reti Medievali Rivista*, v. 7, n. 1, gennaio-giugno, 2006. Disponível



em: [http://www.dssg.unifi.it/\\_RM/rivista/saggi/RivairMacedo.htm](http://www.dssg.unifi.it/_RM/rivista/saggi/RivairMacedo.htm). Último acesso: 15 de março de 2011.

MALALANA UREÑA, Antonio. **La Edad Media en la web. Fuente de información o de desinformación.** Hispania: Revista Española de Historia, 2006, v. 66, n. 222, enero-abril, p. 59-108.

MELO FLORÉZ, Jairo Antonio. **Historia digital: la memoria en el archivo infinito.** Historia Crítica, 2011, n. 43, enero-abril, p. 83-103.

PINSKY, Jaime. (Org.). **Modo de Produção Feudal.** 3ª Edição. São Paulo: Global, 1984.

PONS, Anaclet. **“Guardar como”. La historia y las fuentes digitales.** Historia Crítica, 2011, n. 43, enero-abril, p. 38-61.

\_\_\_\_\_. **La historia maleable. A propósito de internet.** Hispania: Revista Española de Historia, 2006, v. 66, n. 222, enero-abril, p. 109-130.

PROST, Antoine. **Doze Lições Sobre a História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RUBIO LINIERS, María Cruz. **Fuentes bibliográficas para la historia en internet.** Estado de la cuestión. Hispania: Revista Española de Historia, 2006, v. 66, n. 222, enero-abril, p. 131-154.

XIMENDES, Carlos Alberto; ZIERER, Adriana. (Orgs.). **História Antiga e Medieval: Cultura e Ensino.** São Luis: Editora UEMA, 2009.